



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
COORDENADORIA DE GRADUAÇÃO

FRANCIELLE ALVES DA SILVA

**FEMININO INFAMILIAR: UMA DISCUSSÃO TEÓRICA ILUSTRADA PELO
ROMANCE O CONTO DA AIA**

Maceió
2022

FRANCIELLE ALVES DA SILVA

**FEMININO INFAMILIAR: UMA DISCUSSÃO TEÓRICA ILUSTRADA PELO
ROMANCE O CONTO DA AIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas como requisito à obtenção do grau de Bacharela em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Cleyton Sidney de Andrade.

Maceió

2022

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecário: Valter dos Santos Andrade

S586f Silva, Francielle Alves.

Feminino infamiliar: uma discussão teórica ilustrada pelo romance O Conto da Aia / Francielle Alves da Silva, Maceió – 2022.
25 f.

Orientador: Cleyton Sidney de Andrade.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia) –
Universidade Federal de Alagoas, Instituto de Psicologia, Maceió, 2022.

Bibliografia: f. 23-25.

1. Psicanálise. 2. Mulheres. 3. Mulher e psicanálise. 4. Literatura Comparada. 5. Infamiliar. I. Título.

CDU: 159.964.2

Dedico este trabalho a todas as pessoas que acreditam e dedicam suas vidas à educação como meio de transformar vidas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família. Em especial, minha mãe, por acreditar em outros destinos para nós mulheres. Aos professores que, ao longo da minha jornada, me incentivaram a transpor os tantos desafios em especial prof. Dra. Juliana Silva e prof. Dra. Telma Low. Ao Prof. Dr. Cleyton Andrade, por aceitar a orientação desse trabalho e por estar ao meu lado nos momentos mais desafiadores desse percurso. À minha analista por lembrar sempre que é possível. Ao movimento de Mulheres Camponesas MMC-AL. Aos meus amigos e amigas, em especial ao Marcelo e à Miriam, pela contribuição literária, à Nathália, por ser laço, vida e poesia em tempos de tantos desafios, e ao Ítalo, pelo apoio de toda uma vida.

Vivíamos, como de costume, por ignorar. Ignorar não é a mesma coisa que ignorância, você tem que se esforçar para fazê-lo. Nada muda instantaneamente: numa banheira que se aquece gradualmente você seria fervida até a morte antes de se dar conta. Havia matérias nos jornais, é claro. Corpos encontrados em valas ou na floresta, mortos a pauladas ou mutilados, que haviam sido submetidos a degradações, como costumavam dizer, mas essas matérias eram a respeito de outras mulheres, e os homens que faziam aquele tipo de coisas eram outros homens. Nenhum deles eram os homens que conhecíamos. As matérias de jornais eram como sonhos para nós, sonhos ruins sonhados por outros. Que horror dizíamos, e eram, mas eram horrores sem ser críveis. Eram demasiadas melodramáticas, tinham uma dimensão que não era a dimensão de nossas vidas. Éramos as pessoas que não estavam nos jornais. Vivíamos nos espaços brancos não preenchidos nas margens da matéria impressa. Isso nos dava mais liberdade. Vivíamos nas lacunas entre as matérias.

Margareth Atwood

RESUMO

A proposta da presente pesquisa é tecer questões entre o feminino e a psicanálise freudiana, com ênfase na subordinação do feminino e das mulheres. Para isso, partimos da questão do ódio à mulher e o fato desta ter sido, ao longo da história, marcada por um traço de negatividade. A negatividade nos serve como fio condutor e de investigação para pensar possíveis relações entre o feminino, o infamiliar, a obra “O conto da Aia” de Margareth Atwood e o ódio às mulheres. Por conseguinte, a base das articulações propostas nesta escrita está no ensaio freudiano “O infamiliar” – uma palavra-conceito que está intimamente associada ao feminino. O empenho em um estudo sobre o feminino e a violência se justifica diante do crescente número de feminicídios em Alagoas, no Brasil e no mundo, os quais apontam para a importância do tema, tanto a nível político e social, quanto clínico.

Palavras-chave: Feminino. Infamiliar. Violência. O Conto da Aia. Freud.

ABSTRACT

The purpose of this research is to weave questions between the feminine and Freudian psychoanalysis, with an emphasis on the subordination of the feminine and women. For this, we start from the issue of hatred towards women and the fact that they have been, throughout history, marked by a trace of negativity. Negativity serves as a guiding and research thread to think about possible relationships between the feminine, the uncanny, and the work “The Handmaid’s Tale” by Margareth Atwood and the hatred of women. Therefore, the basis of the articulations proposed in this writing is in the Freudian essay “The uncanny” - a concept word that is closely associated with the feminine. The commitment to a study on women and violence is justified by the growing number of femicides in Alagoas, Brazil and the world, which point to the importance of the topic, both politically and socially, as well as clinically.

Keywords: Feminine. Uncanny. Violence. The Handmaid’s Tale. Freud.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UFAL Universidade Federal de Alagoas

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	TRAJETÓRIA METODOLÓGICA	13
3	ANÁLISE E DISCUSSÃO	15
3.1	O Conto da Aia.....	15
3.2	Freud e os Artistas.....	15
3.3	Freud, o Feminino e as mulheres	17
3.4	Mulher – Tabu.....	18
3.5	O feminino, o Amor e a Cultura	19
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
	REFERÊNCIAS	23

1 INTRODUÇÃO

O tema da violência contra corpos femininos onde a expressão última dos vários tipos de violência é o feminicídio, conceituado como “assassinato de mulheres nas mãos de homens por serem mulheres” (PONCE, 2011, p. 18), inundam as redes sociais, revistas e jornais do mundo todo. Desde coberturas de crimes brutais a relatórios, onde essas mulheres passam a fazer parte de uma estatística assustadora.

No Brasil, a cada duas horas uma mulher é assassinada. Um quarto das mortes é registrada como feminicídio. Segundo o Atlas da Violência (IPEA; FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2019), Alagoas é o estado brasileiro que apresenta o maior aumento nas taxas de homicídios de mulheres. Dessas, 99% eram mulheres negras. Outro dado chama a atenção nos relatórios sobre a violência, o crescente número de assassinatos de travestis e transexuais. De acordo com o Dossiê de Assassinatos e Violência contra Travestis e Transexuais Brasileiras em 2020 (BENEVIDES; NOGUEIRA, 2021), o estado alagoano ocupa a 6ª posição no número de mortes de mulheres trans e travestis. Ainda segundo o mesmo relatório, a morte de mulheres negras são 80% dos casos registrados no estado.

Para a psicanálise, a violência contra as mulheres atacaria nela a diferença, o hétero, nesse sentido pode se manifestar também em atos violentos contra homens homossexuais (ALVARENGA, 2015). Nesse ponto de vista, tais crimes não teriam como alvo às mulheres enquanto gênero, mas sim o feminino e tudo que dele se aproxima, se apresentando no marco da feminização do mundo (ALVARENGA, 2015).

Tomando como ponto de partida o ódio ao feminino, o presente artigo procurou analisar as possíveis articulações entre o romance “O conto da Aia” (ATWOOD, 1985/2017) e o célebre ensaio de Freud “*Das Unheimliche* - O infamiliar” (FREUD, 1919/2019). Além desse ensaio, no intuito de contribuir na interlocução dessa discussão, assim como para nos situarmos no pensamento da metapsicologia freudiana, passaremos, de forma breve, tanto por alguns ensaios de Freud quanto por termos importantes que versam a construção literária, o feminino e a mulher.

Das Unheimliche é uma expressão do uso cotidiano do alemão elevada a conceito por Freud. No texto de introdução da edição da Editora Autêntica (FREUD, 1919/2019), os tradutores – Gilson Iannini e Pedro Tavares –, explicitam que essa palavra-conceito já passou por diversas outras traduções para o português, entre elas: “O estranho”, na edição Standard, ou “O inquietante”, na edição da Companhia das Letras. E chamam a atenção para o fato de “nenhum outro vocábulo freudiano apresentar tantas variações e tantas soluções diferentes. O

que evoca o seu teor de intraduzível, como um sintoma da diversidade das línguas” (IANNINI; TAVARES, 2019, p. 8).

O “infamiliar” é um texto publicado em 1919 que inaugura um novo pensamento estético literário de Freud, estando numa imbricação orgânica com outros textos produzidos na mesma época. “Além do princípio do prazer” (FREUD, 1919), numa vertente clínica e “Psicologia das massas e análise do eu” (FREUD, 1921), numa vertente política e social (IANNINI, 2021). Nesse mesmo texto, Iannini propõe que leiamos “*Das Unheimliche*” como uma espécie de “para além do princípio da realidade”.

Uma chave de leitura que tomamos também nessa pesquisa, por utilizarmos para nossa discussão uma obra literária, trata-se disso que nos captura em “O conto da Aia” (ATWOOD, 1985/2017), pois o que assusta não é a distância, mas a proximidade entre a realidade inventada por Atwood e os eventos e acontecimentos antigos e atuais de nossa cultura. “O conto da Aia” é a primeira obra de sucesso da escritora canadense Margareth Atwood, traduzida em mais de vinte idiomas e adaptada para filmes, ópera e séries para televisão. Numa organização didática pode-se situar a obra dentro de um segundo momento da escrita da autora onde podemos observar um trio de romances com foco nas representações do feminino: “O conto da Aia” (ATWOOD, 1985/2017), “Olho de gato” (ATWOOD, 1988) e “A noiva ladra” (ATWOOD, 1993).

Além de retratar a condição feminina, a obra chama atenção por ter ganhado as ruas em ocasiões de manifestações contra governos conservadores e totalitários. Como podemos observar na fala de Ana Rüsche em matéria para a Revista Pernambuco (2017, p. 13), em suas palavras: “foi ali, no meio da primeira manifestação anti-Trump, que li pela primeira vez o cartaz: por favor, façam Margaret Atwood voltar a ser ficção de novo! Decifrar os dizeres daquele cartaz me deu um choque de familiaridade”.

Rüsche (2017) ressalta ainda que é bastante conhecido o hábito de Atwood recortar notícias a respeito de ameaças aos direitos das mulheres ao redor do mundo e mantê-las numa pasta como fonte para suas obras. Atwood insiste que aquilo que escreve existe no horizonte da história ocupando um espaço negativo.

Para Bourdieu (1998/2020), estando a mulher definida apenas por falta, ela seria constituída como uma entidade negativa. Desse modo, estariam separadas dos homens e, como consequência, dos espaços sociais por um coeficiente simbólico negativo. Tal como a cor da pele para os negros, ou outros sinais que identificam um grupo social estigmatizado, afeta tudo o que são e fazem (BOURDIEU, 1998/2020).

Segundo os inquisidores Kramer e Sprenger (2020), as mulheres seriam o pivô das tragédias individual e coletiva, perversas por natureza, sendo mais propensas a hesitar na sua fé, transgredindo a lei do Pai, “tal como indica a etimologia da palavra que lhe designa o sexo, pois *femina* (a palavra latina para ‘mulher’) vem de ‘fê’ e de ‘*minus*’ (menos)” (KRAMER; SPRENGER, 2020, p. 159, grifos do autor).

Sendo assim, esse traço de negatividade nos serve como fio condutor e de investigação entre o feminino, o infamiliar, O conto da Aia e o ódio às mulheres. Como bem enfatiza a psicanalista Maria Josefina Sota Fuentes (2021, p. 49-50):

a articulação entre o feminino e o infamiliar parece evidente se considerarmos o que já foi dito sobre as mulheres ao longo da história. Que elas encarnam um real estranho, inquietante, dando corpo ao que permanece inapreensível para o sujeito, é o que recolhemos nas inúmeras representações da mulher na civilização, que cumprem a função de nomear e localizar um real perturbador. A mais famosa, mas não única, a *dit-famação*, segrega o feminino, fazendo da mulher um objeto inferior, incompleto e degradado, tal como a crítica feminista não cessa de denunciar.

Frente a isto, fazem-se necessários os questionamentos: por que o feminino é tão ameaçador e, portanto, com tanta frequência, alvo de violência? Em que se sustenta a violência ao feminino? É o que se pretende elucidar neste trabalho, através de uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa teórico-conceitual com fontes literárias (obras/livros literários) e da literatura científica (obras/livros/periódicos científicos), a partir de Freud e a correlação com a obra “O conto da Aia”.

2 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

No processo de pesquisa, foi realizada a leitura de ensaios de Freud que abordam a sexualidade feminina, destacando os textos reunidos no volume amor, sexualidade, feminilidade e o Infamiliar das obras incompletas de Sigmund Freud da editora Autêntica. Visando ao alcance dos objetivos propostos. Em seguida, foi realizada a leitura de textos de autores e autoras que faziam interlocução entre o feminino e o infamiliar, assim como também um pequeno apanhado de textos que discorrem sobre a condição das mulheres e do feminino na cultura ocidental. Vale ressaltar que a escolha da temática, assim como a leitura, passa por um percurso da autora em estudos e luta pelos direitos das mulheres, bem como são marcadas pelo seu processo acadêmico e interesse pela Psicanálise a partir do estágio obrigatório em psicologia clínica.

A pesquisa realizada se trata de uma pesquisa bibliográfica, e como tal “tem a finalidade de aprimoramento e atualização do conhecimento, através de uma investigação científica de obras já publicadas” (SOUSA; OLIVEIRA; ALVES, 2021, p. 2) de cunho teórico conceitual. Segundo Miguel (2007 apud GONZALES; MARTINS, 2017, p. 249), o principal objetivo de uma pesquisa do tipo levantamento teórico conceitual envolve realizar modelagens conceituais que possibilitem identificar, conhecer e acompanhar o desenvolvimento de determinado campo do conhecimento, levantando perspectivas para trabalhos futuros.

O problema que se apresenta como ponto inicial de investigação é o crescente número de crimes de gênero, nomeado como feminicídio. A psicanálise freudiana se insere aqui como um modo de pensar esses problemas relacionados à mulher e ao feminino a partir, principalmente, do conceito de infamiliar. A pesquisa tomará como exemplo paradigmático o romance “O conto da Aia” (ATWOOD, 1985/2017), como meio de interrogar categorias que fundamentam o ódio ao feminino e a misoginia, ódio às mulheres.

A pesquisa teve como ponto de partida o texto “Tabu da virgindade” (FREUD, 1918/2018). Neste texto, o autor vai se debruçar sobre o medo às mulheres. Concomitante a essa investigação houve o lançamento da nova tradução do texto “O infamiliar” para o termo alemão *Das Unheimliche* de Freud (1919/2019).

A escolha do ensaio “O infamiliar” nos interessa pela sua aproximação com o feminino, tema que, inclusive, foi abordado em ocasião do XXIII Encontro Brasileiro do Campo Brasileiro do Campo Freudiano, com o título “O feminino infamiliar, dizer o indizível”, que movimentou a produção de diversos psicanalistas – produção essa que gerou alguns dos textos que tomamos como referência para esse trabalho. Sérgio de Castro (2021) resalta que tal

aproximação chama atenção ao estágio atual da civilização e de seu mal-estar, podendo tais convergências serem feitas de modo inaudito.

Outros textos, artigos e revistas também foram utilizados durante a pesquisa, em vista de obter um maior quadro conceitual do tema proposto. Além disso, foi pertinente a visualização da série de televisão “*The Handmaid's Tale*”, inspirada na obra literária “O conto da Aia”, bem como a participação dessa autora em eventos sobre a obra literária de Margareth Atwood, os eventos preparatórios para o XXIII Encontro Brasileiro do Campo Freudiano e o próprio encontro com importantes espaços de debate que possibilitaram uma visão mais ampla e crítica para a escrita desta pesquisa.

Foi realizada uma investigação sobre o feminino e as mulheres na metapsicologia freudiana, assim como a aproximação de Freud – tanto com relação à arte e os e as artistas quanto sobre suas contribuições acerca das possíveis fontes do ódio ao feminino e às mulheres e como isso se relaciona ao conceito de infamiliar. Por fim, utilizou-se alguns trechos da obra de Atwood, selecionados a partir da articulação com o tema a fim de ilustração dos conceitos abordados durante a escrita.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

3.1 O Conto da Aia

“O Conto da Aia” é uma obra de teor testemunhal, na qual a protagonista, uma testemunha com graves violações a direitos humanos, é uma mulher branca de 33 anos, cujo nome não sabemos, reduzida a ser uma “Aia”. Situado nos antigos Estados Unidos pós-golpe, a república de Gilead é sede de um governo religioso, totalitário e fundamentalista. Sob domínio do masculino, lugar onde a lei e a razão imperam, não há diversidade, criatividade, amor ou escolhas: apenas posições muito bem definidas.

Os homens assumem posições de poder e controle total sobre as mulheres. A elas, são destinados os papéis bíblicos: esposas, mulheres completamente submissas que estão a serviço do marido; marthas, mulheres inférteis que servem às famílias e às casas; e, finalmente, aias, que são as mulheres jovens e férteis. Das aias, é tirado tudo – filhos, marido, carreira e nome. São reduzidas a um corpo a serviço da nova república. As aias são estupradas pelos comandantes das casas no seu período fértil, aos joelhos das esposas, para que engravidem e entreguem seus filhos.

3.2 Freud e os Artistas

O que faria uma obra literária nos tocar de maneira tão profunda? Freud se debruçou à investigação dos artistas e, em especial, das obras literárias. Apontando neles um saber que estaria à frente da ciência, da própria Psicanálise e, inclusive, como uma via de saber sobre a feminilidade (FREUD, 1933/2019). Em “O poeta e o fantasiar” (FREUD, 1908/2020), por exemplo, o autor compara o poeta como um sonhador diurno e suas criações como um sonho diurno. Assim sendo, a criação literária permite que se reconheçam tanto elementos de acontecimentos recentes como de antigas lembranças. Qual seria a diferença entre o sonhar acordado e o sonhar dormindo?

Para melhor compreensão, vale retomar uma das mais célebres obras do autor, “A interpretação dos sonhos” (apud GARCIA-ROZA, 2008), onde ele aborda a participação de restos diurnos na formação dos sonhos. Ressalta-se que os restos diurnos podem ser de diferentes tipos: tarefas não concluídas, problemas não resolvidos, pensamentos rejeitados ou suprimidos, impressões diurnas indiferentes, e que por serem indiferentes não foram tratadas, e, finalmente, aquilo que do Inconsciente foi colocado em ação pela atividade pré-consciente

diurna. (GARCIA-ROZA, 2008, p. 177-178).

Observa-se que o sonho é um modo de tratar aquilo que foi rejeitado ou não resolvido enquanto acordado. Nesse sentido, podemos pensar no sonho do artista como um modo de inserir aquilo que foi rejeitado pela cultura, sejam acontecimentos antigos ou recentes? Para Freud (1908/2020), o poeta se assemelha à criança que brinca ao criar um mundo de fantasia que leva a sério. A criança, assim como o artista, diferencia seu mundo de brincadeira da realidade; ela empresta seus objetos imaginários e relacionamentos às coisas do mundo real. Porém, essa fronteira entre fantasia e realidade não está bem demarcada em “O conto da Aia”.

A linha tênue entre realidade e fantasia é um dos principais efeitos ou, ainda, a máxima expressão do “infamiliar”, uma vez que não sabemos bem se trata-se de realidade ou ficção. O escritor nos ilude com a promessa de uma realidade comum, ele trai aquilo que supúnhamos superado e vai além daquilo que é possível na vivência. Nós reagimos a obra tal como reagiríamos às nossas próprias vivências (FREUD, 1919/2019).

Poderíamos pensar “O conto da Aia” como uma obra que reinsere aquilo do feminino que foi rejeitado, suprimido ou não tratado pela cultura? Desse modo nos causaria o sentimento de infamiliaridade? Em vista disso, Atwood é enfática ao afirmar, em entrevista (THE HANDMAID’S TALE, 2019, n.p.), que “nada entrou no livro que não tivesse acontecido na vida real em algum lugar e algum momento”.

Desse modo, notamos que a fantasia do poeta não é livre. Isso demonstra que não há neutralidade na fala, pois o poeta não escolhe ficar do lugar da fantasia e do lugar da realidade, ou seja, ele não fica dos dois lados, o que demonstra uma crítica à visão romântica do poeta na sociedade (IANNINI, 2021). Nesse sentido, Atwood recusou premiações nas categorias de ficção científica. O que podemos refletir um posicionamento político da autora ao afirmar que a violência contra a mulher não seria apenas um objeto imaginário.

3.3 Freud, o Feminino e as mulheres

Ele tem alguma coisa que não o temos, tem a palavra
(ATWOOD, 1985/2017, p. 109).

Segundo Fuentes (2012), a relação entre Freud e as mulheres se entrelaça com o próprio surgimento da psicanálise, com uma certa vacilação do sistema patriarcal e o abalo da hegemonia do masculino. Freud abre a caixa de Pandora e mergulha no enigma do *dark continent*, um dos nomes do feminino como real enigmático que não cessou de se apresentar

em sua clínica.

Para Bassols (2012), a psicanálise devolveu às mulheres, desde suas origens, uma palavra amordaçada no silêncio dos seus sintomas e de seu sofrimento. As mulheres, assim como as crianças e os loucos, foram, historicamente, objeto de segregação e violência. São fundamentalmente o lugar de uma palavra rejeitada ou mesmo reprimida no sentido mais radical do termo. Tornando-se, assim, o objeto predileto da violência, ato que vem ao lugar de uma palavra impossível de dizer. Assim, a psicanálise rompe com as demais matrizes clínicas na primeira metade do século XIX, juntamente com o paradigma do sofrimento histórico como expressão de uma forma de vida feminina que denuncia uma inadaptação do indivíduo à sua experiência corporal que se opõe aos modelos de controle e determinação hegemônicos, ligados ao universo liberal e disciplinar (DUNKER, 2017).

É bem conhecido o episódio em que Freud confessa a Marie Bonaparte que havia pesquisado a sexualidade feminina por três décadas e então pergunta: “Afinal o que quer a mulher?”. A frase em alemão “*Was will das Weib*” poderia ser desdobrada e entendida, como sugere Iannini e Tavares (2019, p.11), assim: “o que quer o feminino na mulher?”. Indo um pouco mais além, podemos perguntar: o que quer o feminino no homem, no bissexual, nos corpos, na política, nas ruas, na cultura?

Posto isso, para seguirmos, faz-se necessário a compreensão da distinção entre as categorias: feminino, feminilidade e mulher. Em “Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos” (1925/2019), Freud já estava questionando os ideais tanto de masculinidade como de feminilidade e defendia a hipótese de que todos os indivíduos humanos, em razão de sua constituição cruzada, reuniriam em si tanto características femininas como masculinas (FREUD, 1925/2019).

Em uma de suas últimas conferências e texto onde aborda a feminilidade, Freud (1933/2019) descreve que a biologia, o espermatozoide e seus veículos, o óvulo e o organismo que o abriga só definem o produto sexual, e que aquilo que constitui a masculinidade e a feminilidade não podem se definir a partir da anatomia (FREUD, 1933/2019). Adverte-nos, ainda, sobre as influências das normas sociais que compelem às mulheres uma situação passiva. Freud não nos traz uma definição do que seria a mulher – essa seria uma tarefa impossível. Compete, então, à psicanálise pesquisar como uma criança, a partir de sua disposição bissexual, pode se tornar uma mulher (FREUD, 1933/2019).

Alguns anos depois, em “Análise finita e a infinita” (FREUD, 1937/2019), é possível verificar que o que estaria em jogo na constituição dos sujeitos é o repúdio ao feminino, tanto para homens, como mulheres ou como queiram se nomear. Portanto, embora as mulheres

encarnem muito das figuras do feminino, é importante não confundir o feminino com a palavra mulher e tampouco o feminino a partir da anatomia.

3.4 Mulher – Tabu

O feminino é *unheimlich*. O *unheimlich* é feminino
(ANDRADE; TEIXEIRA; PRADO, 2020, p. 198, grifos do autor).

Para aprofundarmos o estudo com relação ao ódio às mulheres, partiremos de uma afirmação de Freud em “O tabu da virgindade” (1918/2019), onde ele afirma: “quase poderíamos afirmar que a mulher [*Weib*] inteira constitui tabu” (1918/2019, p. 162). Por um lado, tabu seria algo proibido, mesmo sem qualquer fundamentação, embora pareça algo natural para quem se encontrar sob seu domínio. Por outro lado, pode significar algo “sagrado”, “consagrado”; por outro, “sinistro”, “perigoso”, “proibido”, “impuro” (FREUD, 1913/2019).

Entre sagrado e impuro, o que estaria na base de todas essas proibições seria a crença numa força perigosa, numa certa qualidade misteriosa não só de pessoas, como também de objetos, lugares e estados passageiros. Em suma, tudo aquilo que o primitivo temia se estabeleceu como tabu, o qual foi propagado através dos tempos, mesmo que, muitas vezes, não saibamos o que ou porque tememos determinadas coisas.

“Esse perigo, tomado de maneira geral, é o psíquico, pois o primitivo não é forçado, nessa situação, a estabelecer suas distinções, que a nós parecem inevitáveis. Ele não separa o perigo material do psíquico, nem o real do imaginário” (FREUD, 1918/2019, p. 165). Freud segue sua investigação e compara esse horror despertado pelo tabu às neuroses de angústia, as quais estariam presentes em todos e todas em maior ou menor grau a nos depararmos com “situações que desviam do habitual, que trazem consigo algo novo, inesperado, incompreensível, inquietante [*unheimliche*]” (FREUD, 1918/2019 p. 161-162, grifos do autor).

Teríamos uma tendência a nos protegermos a qualquer mudança, a qualquer nova fase, sendo percebido por nós como algo perigoso. Nesse sentido, Freud (1918/2019) destaca que, em todas as regras de evitação e tabu, se encontra expresso um horror fundamental à mulher e que provavelmente esse horror estaria justificado pelo fato de a mulher ser diferente do homem. Eternamente incompreensível, estranha e, por isso, parece hostil.

Retornamos ao infamiliar e a hipótese apresentada por Iannini que “faz muita diferença entender o feminino como estranho (*fremde*) e entender o feminino como infamiliar

(*unheimliche*)” (2021, p. 77, grifos do autor). Compreender a mulher no registro do estranho e ameaçador remeteria às fantasias masculinas de castração. No complexo de castração, a diferença anatômica incide em consequências psíquicas (FREUD, 1933/2019). Isso significa que a mulher seria desvalorizada a partir da descoberta da falta de pênis, tanto pela menina, como pelo menino e mais tarde, talvez, pelo homem também (FREUD, 1933/2019)

Manter-se nesse registro tem consequências sociais, políticas e clínicas. Para Lutterbach (2020), essa seria uma leitura onde se enfatiza o aspecto imaginário da diferença quando se cai na identificação do pênis enquanto falo, o masculino enquanto insígnia de poder, e o feminino localizado enquanto incompleto, faltoso, marcado por um menos. Voltemos ao “Conto da Aia” em dois trechos onde podemos observar as possíveis consequências da extrema depreciação da mulher.

“Somos para fins de procriação: não somos concubinas, garotas gueixas, cortesãs... Somos úteros de duas pernas, apenas isso: receptáculos sagrados, cálices ambulantes” (ATWOOD, 1985/2017, p. 165). Ou ainda: “quero continuar vivendo, de qualquer forma que seja. Renuncio a meu corpo voluntariamente, para submetê-lo ao uso de outros. Eles podem fazer o que quiserem comigo. Sou abjeta. Sinto pela primeira vez o poder deles” (ATWOOD, 1985/2017, p. 337-338).

No Romance, as mulheres possuem postos bem definidos e todas usam uniformes. As Aias, mulheres férteis, jovens, recebem vestimentas com a cor vermelha. “Tudo, exceto a touca de grandes abas ao redor de minha cabeça, é vermelho: da cor do sangue, que nos define” (ATWOOD, 1985/2017, p. 16). Nada lhes resta, tudo lhes é tirado: carreira, filhos, marido e até aquilo que é mais identificatório de cada um: o nome.

Os novos nomes “eram um patronímico, composto da preposição possessiva “of”, ou seja, “de”, e o nome de batismo do cavaleiro em questão. Tais nomes eram assumidos por essas mulheres por ocasião de sua entrada em contato com a casa e a família de um Comandante específico e abandonados por elas ao deixá-los (ATWOOD, 1985/2017, p. 359).

É no final do romance que sabemos o nome de nossa narradora: *offred*, no caso, “do Fred”. Mas não passa despercebida uma outra possibilidade nessa “nomeação”: *off-red*, lembrando que o livro é uma tradução do inglês onde *red* é vermelho. Numa possível interpretação de um feminino totalmente ausente, um corpo desligado, sem raízes ou referências.

3.5 O feminino, o Amor e a Cultura

Onde há fala, não há violência, onde há violência houve demissão da fala (CALDAS; LAIA, 2020, p. 103).

Em 1933, Freud troca uma correspondência com o físico Einstein, num esforço conjunto de debater sobre a guerra e se seria possível escapar dela. É nessa carta que Freud expõe uma teoria com relação a violência. Primeiramente ao substituir a palavra “poder” por “violência” explicitando que, primordialmente, todos os conflitos entre os seres humanos são decididos por meio da violência, assim como em todo o reino animal, do qual o ser humano também faz parte (FREUD, 1932/2020).

Na guerra, entraria em atividade a pulsão de destruição dirigida ao estrangeiro, ao diferente. Freud então propõe que convoquemos *Eros* e tudo que produz laço social, a violência é rompida pela união. Nesse sentido, a psicanálise não precisaria se envergonhar em falar de amor. Ressalta ainda, que tudo o que estimula o desenvolvimento da cultura, das comunidades, também trabalha contra a guerra (FREUD, 1933/2020)

Seja no âmbito individual ou coletivo, Freud expressa que o que estaria em jogo são as pulsões (FREUD, 1932/2020). Retomando seu ensaio “As pulsões e seus destinos” (FREUD, 1915/2019) podemos observar que o ódio é o afeto original. Um afeto de conservação do Eu narcísico em relação aos estímulos do mundo externo. Num primeiro tempo de desenvolvimento ele é necessário para que se possa formar o Eu. Porém, num segundo tempo, ele é um obstáculo para a alteridade, a diferença.

Posto isso, retornamos a “O tabu da virgindade”, onde Freud afirma que há uma dimensão de impotência no homem diante do encontro com uma mulher, ele teria medo de ser enfraquecido, contaminado pela feminilidade dela. Assim, as práticas de tabu que levam à rejeição narcísica de uma mulher como estranha e hostil são o testemunho de uma força que se opõe ao amor (FREUD, 1918/2019).

Retomamos o Conto da Aia para ilustrar essa hipótese, mais especificamente um diálogo entre O comandante e a Aia (ATWOOD, 1985/2017, p. 261):

Da maneira como fazemos estão protegidas, podem realizar seus destinos biológicos em paz. Com pleno apoio e encorajamento. Agora diga-me. Você é uma pessoa inteligente, gosto de ouvir o que pensa. O que foi que deixamos de levar em conta? Amor, respondi.

Amor? Disse o Comandante. Que tipo de amor?

Se apaixonar, disse eu.

O comandante olhou para mim com seus olhos sinceros de menino. Ah, sim, li as revistas, era isso que elas vendiam não era? Mas veja as estatísticas, minha cara. Será que valia realmente a pena, se apaixonar? Casamentos arranjados sempre funcionaram

igualmente bem, se não melhor.

Amor, dizia Tia Lydía, com desagrado. Não me deixem pegar vocês nisso. Nada de ficarem no mundo da lua e sonharem acordadas por aqui, meninas (...) Amor não é o que interessa.

Aqueles anos foram apenas uma anomalia, historicamente falando disse o Comandante, apenas uma feliz casualidade. Tudo o que fizemos foi pôr as coisas de volta, de acordo com a norma da Natureza.

E continua (ATWOOD, 1985/2017, p. 267-268):

Amor?, disse o Comandante. Isso é melhor. É algo que conheço bem. Podemos conversar a respeito disso. Apaixonar-se, eu disse. Deixar-se arrebatar, se entregar, cair de amor, todos nós fazíamos isso, na época, de uma forma ou de outra. Como poderíamos ter menosprezado tanto? Até zombado disso. Como se fosse trivial para nós, algo superficial, um capricho. Era, pelo contrário, uma tarefa difícil. Era a coisa principal, era a maneira como você compreendia a si mesmo; se nunca lhe acontecesse, nunca, jamais, você seria como um mutante, uma criatura vinda do espaço. Todo mundo sabia disso.

Estou me apaixonando, dizíamos, estou caidinha por ele. Éramos mulheres que caíam. Acreditávamos nisso, nesse movimento para baixo: tão adorável quanto voar, e ao mesmo tempo tão terrível, tão extremo, tão improvável. Deus é amor, disseram um dia, mas invertemos isso, e o amor, como o Céu, estava sempre ali, logo depois da esquina. Quanto mais difícil fosse amar aquele homem específico ao nosso lado, mais acreditávamos no Amor, abstrato e total. Estávamos esperando, sempre pela encarnação. A palavra tornada carne.

Como podemos ver acima, Gilead deixou de fora o Amor. Não somente entre homem e mulher, mas também em todo o modo que é estruturada. E é preciso saber que “o amor de uma mulher por um homem é pelo feminino, assim como o amor de um homem por uma mulher é pelo feminino. O feminino que há nele” (MILLER, 1989/2014, p. 52). E onde não há amor, não há espaço para diferença. Sob domínio do totalitarismo, lugar onde o poder impera, não há diversidade, criatividade, escolhas, somente submissão.

Nesse sentido, aquilo que há de mais infamiliar na mulher, no negro, no estrangeiro, na loucura que tanto nos assusta, como expressa Freud, não vem de fora, mas de dentro. Uma vez que, de fato, não há nada novo, mas sim algo íntimo à vida anímica que foi afastado por meio do recalçamento (FREUD, 1919/2019). Trata-se de uma regressão a um momento da história do desenvolvimento do Eu onde não havia ainda uma separação dos outros e do mundo exterior (FREUD, 1919/2019).

Por fim, ressaltamos a audácia freudiana (FREUD, 1919/2019) ao afirmar que a psicanálise, à medida que se propõe à escuta da loucura e de todas essas forças que a Idade Média atribui à possessão demoníaca, a forças misteriosas e obscuras, tornou-se, ela mesma, infamiliar para muitas pessoas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da temporalidade dos textos de Freud, com ensaios com mais de 100 anos, a vista de “O Infamiliar”, conceito que perpassa toda essa pesquisa, podemos pensar a própria metapsicologia freudiana como um infamiliar. Isso porque traz aquilo que foi recalcado e, mais ainda, anuncia a forma como Freud é atual e nos ajuda a pensar questões tão significativas, tanto no âmbito cultural, político, social, por meio da clínica ou com enfoque no contexto clínico.

Muitos dos textos trabalhados aqui foram produzidos próximo ou durante a guerra – “O infamiliar” (FREUD, 1919/2019), “A feminilidade” (FREUD, 1933/2019) e “Por que a guerra?” (FREUD, 1932/2020) –, o que reflete o quanto Freud, a partir da escuta de suas pacientes, pensava também questões políticas. Nesse sentido, é interessante refletir que não vivenciamos grandes ondas de amor mundial, mas sim conflitos. O que retorna de tempos em tempos é o ódio.

Fazendo um paralelo com o romance escolhido, é num momento de tensão política e ascensão de governos totalitários que o romance volta a circular nas livrarias e a personagem da Aia passa a ganhar as ruas como símbolo de protesto. Destacamos: eleição de Donald Trump (Estados Unidos), a luta pela legalização e descriminalização do aborto e outras demandas de saúde sexual e reprodutiva das mulheres durante o governo de Jair Bolsonaro (Brasil) e a retomada do Talibã (Iraque).

A nossa história individual e coletiva não é linear, mas marcada por avanços e regressões. Retornos a pensamentos animistas, que já supúnhamos superado. Um reflexo do medo do estrangeiro, da diversidade, da abertura para outras formas de estar e viver no mundo. O outro como uma ameaça de aniquilação.

A mulher e tudo aquilo que toca algo do feminino, desde tempos imemoriais, encarna essa figura do horror que pouco ou nada tem a ver com ela, mas sim com o próprio homem ou com cada um e cada uma que teme o feminino em si mesmo. Para Freud (1932/2020), o amor, enquanto aquilo que permite o laço social e a palavra, é o tratamento cultural para o ódio. Todas as guerras são nosso regresso ao que há de mais primitivo em nós mesmos.

REFERÊNCIAS

- ALVARENGA, Elisa. As mulheres e a violência de nossos tempos. **Opção Lacaniana online**, v. 17, p. 1-12, 2015. Disponível em: http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_17/As_mulheres_e_a_violencia_de_nosso_tempo.pdf Acesso em: 25 jul. 2021
- ANDRADE, Cleyton; TEIXEIRA, Antônio; PRADO, Teresinha. O feminino *unheimlich* e o *Unheimliche* feminino – Entrevista com Gilson Iannini e Pedro Heliodoro Tavares. **Correio**, São Paulo, Escola Brasileira de Psicanálise, n. 83, 2020.
- ATWOOD, Margaret. **O conto da aia (1985)**. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.
- BASSOLS, Miquel. La violencia contra las mujeres. **Escuela de la Orientación Lacaniana**, 2012. Disponível em: http://www.eol.org.ar/template.asp?Sec=publicaciones&SubSec=on_line&File=on_line/Miquel-Bassols/La-violencia-contra-las-mujeres.html Acesso em: 25 jul. 2021.
- BENEVIDES, Bruna G.; NOGUEIRA, Sayonara N. B. **Dossiê: Assassinatos e Violência contra Travestis e Transexuais Brasileiras em 2020**. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2021.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina** (1998). Tradução: Maria Helena Kühner. 18 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.
- CALDAS, Heloísa; LAIA, Sérgio. Violência e agressividade – Diferenças a partir da linguagem e do inominável da feminilidade. **Correio**, São Paulo, Escola Brasileira de Psicanálise, n. 83, 2020.
- DE CASTRO, Sérgio. Apresentação. *In*: ANTELO, M.; GURGEL, I. **O feminino infamiliar: dizer o indizível**. Belo Horizonte: EPB, 2021.
- DUNKER, Christian. **Reinvenção da intimidade**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.
- FREUD, Sigmund. A análise finita e a infinita (1937). *In*: FREUD, Sigmund. **Fundamentos da Clínica Psicanalítica** (1856-1939). Tradução: Cláudia Dornbush. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. p. 315-364.
- FREUD, Sigmund. A feminilidade (1933). *In*: FREUD, Sigmund. **Amor, Sexualidade, feminilidade** (1856-1939). Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. 1. ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. p. 313-345.
- FREUD, Sigmund. Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos (1925). *In*: FREUD, Sigmund. **Amor, Sexualidade, feminilidade** (1856-1939). Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. 1. ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. p. 259-276.
- FREUD, Sigmund. **As pulsões e seus destinos** (1915). Tradução: Pedro Heliodoro Tavares. 1. ed. 5. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

- FREUD, Sigmund. O poeta e o fantasiar (1908). *In*: FREUD, Sigmund. **Arte, literatura e os artistas** (1856-1939). Tradução: Ernani Chaves. 1. ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020. p. 53-66.
- FREUD, Sigmund. O tabu da virgindade (1918). *In*: FREUD, Sigmund. **Amor, Sexualidade, feminilidade** (1856-1939). Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. 1. ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. p. 155-176.
- FREUD, Sigmund. Organização Genital Infantil (1923). *In*: FREUD, Sigmund. **Amor, Sexualidade, feminilidade** (1856-1939). Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. 1. ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. p. 237-242.
- FREUD, Sigmund. Por que a guerra? (1932). *In*: FREUD, Sigmund. **Cultura, sociedade, religião: O Mal-estar na cultura e outros escritos** (1856-1939). Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. 1. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.
- FREUD, Sigmund. **Totem e tabu**: algumas correspondências entre a vida psíquica dos selvagens e a dos neuróticos (1856-1939). Tradução: Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2013.
- FREUD, Sigmund. **O infamiliar [Das Unheimliche]** – Edição comemorativa bilíngue (1919-2019): Seguido de O Homem da Areia de ETA Hoffmann. 1. ed. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- FUENTES, Maria Josefina Sota. O feminino e o infamiliar. *In*: MANTELO, Marcela; GURGEL, Iordan. (Orgs.). **O feminino infamiliar**: dizer o indizível. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise, 2021. p. 49-56.
- FUENTES, Maria Josefina Sota. **As mulheres e seus nomes**: Lacan e o feminino. Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2012.
- GARCIA-ROZA, Luíz Alfredo. **A interpretação do sonho** (1900). Introdução à metapsicologia freudiana, v. 2. 8 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- GONZALEZ, Rodrigo Valio Dominguez; MARTINS, Manoel Fernando. **O Processo de Gestão do Conhecimento**: uma pesquisa teórico-conceitual. Gest. Prod., v. 24, n. 2, p. 248-265, 2017.
- IANNINI, Gilson. O feminino infamiliar. *In*: MANTELO, Marcela; GURGEL, Iordan. (Orgs.). **O feminino infamiliar**: dizer o indizível. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise, 2021. p. 76-89.
- IANNINI, Gilson; TAVARES, Pedro. Freud e o infamiliar. *In*: FREUD, Sigmund. **O infamiliar [Das Unheimliche]** – Edição comemorativa bilíngue (1919-2019): Seguido de O Homem da Areia de ETA Hoffmann. 1. ed. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA); FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Atlas da Violência**. Brasília; Rio de Janeiro; São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019.

KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. **O martelo das feiticeiras**. Tradução: Paulo Fróes. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

LIMA, Daniela. The Handmaid's Tale: um aviso de incêndio para o cenário político atual. **Blog da Boitempo**, 06 jul. 2017. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2017/07/06/the-handmaids-tale-um-aviso-de-incendio-para-o-cenario-politico-atual/>. Acesso em: 03 fev. 2021.

LUTTERBACH, Ana Lúcia. O feminino de ninguém. **Correio**, São Paulo, Escola Brasileira de Psicanálise, n. 83, 2020.

MILLER, Jacques. **Los Divinos detalles** (1989). Buenos Aires: Paidós, 2014.

PONCE, Maria Guadalupe Ramos. Mesa de trabalhos sobre feminicídio/femicídio. *In*: CHIAROTTI, S. **Contribuições ao debate sobre a tipificação penal do femídio/feminicídio**. Lima: Ed. Cladem, 2011.

RÜSCHE, Ana. Atwood e de quanto o real ultrapassa a ficção. **Pernambuco**, n. 142, p. 12-17, 2017.

SOUSA, Angelica; OLIVEIRA, Guilherme; ALVES, Laís. **A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos**. Cadernos da Fucamp, v. 20, n. 43, p.64-83, 2021.

THE HANDMAID'S TALE. **Margaret Atwood fala sobre inspirações da vida real**. The Handmaid's Tale Brasil. YouTube: 45 seg, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4s4MMnjzUes>. Acesso em: 30 jun. 2020.